

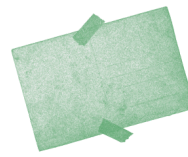
Design, artesanato, matéria-prima e bioma: a experiência da Casa de Marimbondo.

Resumo:

A presente investigação analisa a Casa de Marimbondo como um caso relevante acerca da integração entre design, artesanato e território. A partir do trabalho com a fibra da taboa, o projeto conduzido por Naná Oliveira em colaboração com artesãs do povoado Tigre, em Pacatuba-SE, demonstra como o mobiliário pode atuar no fortalecimento das relações entre memória coletiva, práticas artesanais tradicionais e sustentabilidade socioambiental. A abordagem, de caráter qualitativo e fenomenológico, combina revisão bibliográfica, análise de materiais institucionais e relato pessoal da idealizadora da marca, oferecendo uma compreensão do processo criativo, do convívio comunitário e da relação com o bioma local. O estudo reforça a importância de considerar o artesanato como campo de conhecimento dinâmico, e que a Casa de Marimbondo é um projeto de referência na promoção de práticas sustentáveis e culturalmente sensíveis no design contemporâneo brasileiro.

Palavras-chave:

Casa de Marimbondo; design, artesanato; taboa.



1. Introdução

Vivemos em um contexto marcado pela expansão do consumo e a produção de massa, que frequentemente distancia comunidades das raízes sociais, culturais e ambientais que constituem sua identidade. Em contraposição, surgem iniciativas que, por meio do design, buscam valorizar o fazer artesanal, reafirmando as práticas tradicionais como uma forma de resistência, contribuindo assim para geração de impacto positivo dentro da cadeia produtiva de artefatos sob uma perspectiva socioambiental, seja na etapa da fabricação, no uso consciente da matéria prima, na melhoria das relações de trabalho, nas relações de consumo e na comunidade envolvida.

Com estes princípios nasceu, há cerca de 5 anos, a Casa de Marimbondo, projeto dedicado ao desenvolvimento de móveis a partir da fibra da taboa (*Typha spp.*). Idealizada pela multiartista Narjara Oliveira, a Naná, em parceria com a arquiteta Giovanna Arruda nas coleções iniciais, a iniciativa nasceu em colaboração com as artesãs-extrativistas do povoado Tigre, no município de Pacatuba-SE. O encontro de Naná com as artesãs Josinete e Marizete, mediado pelo trabalho com a taboa, estabeleceu vínculos que ultrapassam o campo profissional e se estendem para o cotidiano da

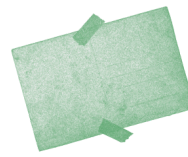
Figura SEQ Figura * ARABIC 1: Poltrona Pacatuba.



Fonte: Revista Amarello, 2024.

comunidade.

O projeto parte do princípio de que o design não se sobrepõe à manualidade, mas emerge dela, valorizando as técnicas ancestrais e as matérias-primas do território como forma de resistência cultural e de fortalecimento comunitário (Amarello, 2024; Casa de Marimbondo, 2024, 2025). Nessa perspectiva, o designer atua como mediador entre artesanato, matéria prima, comunidade e bioma no processo de criação de objetos. Como resultado, seus móveis demonstram como os artefatos podem unir memória, estética e sustentabilidade, sem perder o vínculo com o cotidiano da comunidade. Ao conjugar saberes artesanais, pesquisa e experimentação formal, a marca constrói um repertório de mobiliário que é, ao mesmo tempo, expressão cultural local e proposição de novos caminhos para o design brasileiro (Amarello, 2024).



Os artefatos são uma parte necessária da nossa experiência no mundo; ao mesmo tempo em que são representações de uma coletividade, eles também ensinam seus códigos e nos formam enquanto indivíduos, moldando nossas relações (Miller, 2013). As práticas artesanais coletivas desempenham um papel central no fortalecimento de vínculos sociais e na transmissão de saberes, tecendo relações entre pessoas, materiais, tradições e o território.

O objetivo desta investigação é apresentar a Casa de Marimondo como um caso singular acerca do potencial que os objetos tem de nos contar sobre uma comunidade, a relação com seu território e os recursos materiais que natureza lhes proporciona, trabalhando a matéria prima disponível na confecção de objetos de valor simbólico e utilitário. Ao mesmo tempo, ela demonstra que o artesanato é um campo do saber dinâmico que adquire novos usos e significados, se transformando por meio das inovações trazidas pelas demandas contemporâneas.

2. Metodologia

A investigação adota uma abordagem qualitativa e fenomenológica, buscando, a partir do estudo de caso da Casa de Marimondo, compreender como o mobiliário expressa as relações entre o design e as práticas artesanais do Povoado Tigre, assim como suas relações com a comunidade e o bioma. A revisão bibliográfica foi complementada pela análise de reportagens publicadas pela imprensa especializada e materiais institucionais da marca, como catálogos e apresentações de coleções. Complementarmente, o relato pessoal de Naná Oliveira, idealizadora da marca e coautora do artigo, fornecerá uma visão aprofundada sobre sua trajetória, a relação com o território e a co-criação com as artesãs.

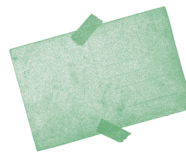
A análise dos dados será conduzida a partir de uma abordagem interpretativa, orientada para identificar como as práticas do design se articulam ao artesanato tradicional da taboa, assim como suas relações com a comunidade e o bioma.

Em janeiro de 2026 foi realizada uma visita de campo ao povoado Tigre, em Pacatuba/SE, com o objetivo de observar *in loco* práticas artesanais, assim como o bioma do pantanal sergipano e a presença da taboa, conhecer pessoalmente as artesãs e registrar aspectos do processo produtivo, das formas de transmissão de saberes e da dinâmica comunitária.

3. O Bioma

O município de Pacatuba, com cerca de 13.000 habitantes, está localizado na região nordeste de Sergipe, a aproximadamente 123 km da capital Aracaju. É conhecido por abrigar um vasto pantanal com aproximadamente 40 km quadrados de extensão. Esta área, próxima à foz do rio São Francisco, possui uma estrutura hidrogeológica granular que forma um aquífero poroso de potencial médio a alto, abrigando uma fauna e flora típicas do estado de Sergipe. A região se caracteriza pela diversidade da paisagem natural, que é composta por dunas, lagoas, manguezais e praias (Barreto, 2018).

Na sua cobertura vegetal primitiva, Pacatuba contava com Restinga, Manguezal, Mata Atlântica e Cerrado, embora essas últimas tenham sido progressivamente devastadas. No entanto, os manguezais ainda estão presentes próximos aos estuários dos rios favorecendo o desenvolvimento de espécies de uma rica fauna. A restinga é a formação vegetal em melhor estado de preservação, devido à Reserva Biológica de Santa Isabel (REBIO), uma Unidade de Conservação que visa proteger ambientes terrestres e marinhos, incluindo os sítios de desova da tartaruga-oliva, um dos mais importantes do Brasil (Barreto, 2018).



Dentro dessa paisagem, a taboa (*Typha spp.*) é uma macrófita aquática abundante e de grande importância, presente em várias regiões do Brasil. Popularmente conhecida também como tabua ou palha de taboa, essa planta é típica de brejos, manguezais e áreas alagadas, podendo ser encontrada em corpos de água doce, salobra e salgada. A taboa não é apenas um elemento da paisagem; ela desempenha um papel ecológico e é de fundamental importância para as comunidades

Figura SEQ Figura * ARABIC 2: A extração da taboa.



Fonte: Revista Amarello, 2014.

locais. Por vezes vista como uma praga pelos habitantes da região, estudos revelam que a *Typha spp.* atua como um filtro de impurezas, absorvendo altas concentrações de nutrientes e metais pesados, contribuindo para a recuperação de rios e lagos poluídos e purificando o ar e a água (Barreto, 2018; Carvalho, 2018).

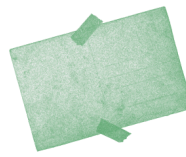
Além de seu papel ecológico, a taboa é a matéria-prima protagonista para as mulheres extrativistas-artesãs do município, especialmente nos povoados Tigre, Junça e Santana dos Frades, utilizada na confecção de cestos, esteiras, bolsas, carteiras, e outros itens decorativos. A sabedoria tradicional e a observação do cotidiano permitiram-lhes desenvolver técnicas de manejo sustentável, cortando a taboa de forma que ela continue a brotar e crescer, contribuindo para a conservação do ambiente (Barreto, 2018; Carvalho, 2018).

A presença do Pantanal e da taboa em Pacatuba representa não só um patrimônio natural, mas também um capital cultural e econômico que, se bem gerido e valorizado por meio de iniciativas como o turismo de base comunitária, pode impulsionar o desenvolvimento local de forma sustentável, respeitando o meio ambiente e os saberes tradicionais das comunidades.

Em suma, o Pantanal Sergipano em Pacatuba é um ecossistema aquático vasto e biodiverso, onde a taboa não só enriquece a flora, mas também sustenta uma importante prática artesanal e a vida das comunidades, funcionando como um pilar de sustentabilidade socioambiental e econômica.

4. O artesanato da taboa pelas mulheres de Pacatuba-SE

O trabalho das artesãs com a taboa (*Typha spp.*), conforme detalhado na tese de Andréa Freire de Carvalho (2018), é um ciclo de extrativismo e produção artesanal vital para a sustentabilidade socioeconômica das mulheres no Povoado Tigre, município de Pacatuba-SE. A extração da taboa ocorre em grandes áreas alagadas, como lagoas e brejos, idealmente após a estação chuvosa. As artesãs, muitas vezes com água até o pescoço, cortam a planta rente à raiz, mas com o cuidado para não danificar as plantas mais jovens ou deixar resíduos na água, o que impede a proliferação de



cobras e favorece a regeneração da planta. Essa prática de corte funciona como uma poda, contribuindo para o crescimento sustentável da taboa e para a manutenção do ecossistema, onde a planta atua como filtro natural, purificando a água e o ar, além de servir de abrigo para a fauna local.

Após a colheita, que muitas vezes envolve o transporte da taboa por quilômetros, as plantas são abertas talo por talo e colocadas para secar ao sol, um processo que pode levar de uma a duas semanas, dependendo do clima. Em seguida, as fibras são separadas de acordo com o tipo de objeto a ser produzido; por exemplo, a parte submersa da taboa, que adquire um tom avermelhado após a secagem, é utilizada para fazer cordas. A partir dessa matéria-prima, as artesãs criam uma vasta gama de artefatos, incluindo bolsas, cestos, chapéus, cintos, carteiras, tapetes e esteiras. As técnicas evoluíram significativamente, passando de produtos mais rústicos para peças mais elaboradas, com trancinhas, forros e tingimentos, muitas vezes impulsionadas por cursos oferecidos por instituições como o Sebrae e a Petrobras.

A comercialização dos produtos é crucial para a renda familiar. As vendas geralmente ocorrem em feiras locais e estaduais, como a Feira da Reforma Agrária em Aracaju, e até mesmo em outros estados. O modelo de economia solidária, com venda direta, é valorizado, eliminando intermediários e garantindo uma maior parcela do lucro às artesãs. Segundo Carvalho (2018), o impacto vai além do financeiro, pois o reconhecimento do trabalho eleva a autoestima e o senso de protagonismo das mulheres na comunidade. No entanto, o processo carrega seus desafios, como os riscos durante a extração – incluindo picadas de animais, exposição ao sol e cortes – e a sobrecarga de uma tripla jornada de trabalho, que concilia afazeres domésticos, cuidado familiar e o artesanato.

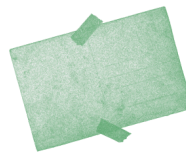
Para as mulheres extrativistas-artesãs, a taboa representa não apenas um meio de sobrevivência econômica, mas também um elemento que molda a sociabilidade e a transmissão de saberes entre gerações (Barreto, 2018; Carvalho, 2018). A percepção dessas mulheres sobre a sustentabilidade é prática e cotidiana, manifestada no cuidado com o manejo da planta para garantir sua contínua produção e crescimento. Esse ciclo de extração cuidadosa e transformação criativa reflete uma profunda conexão com o ambiente, onde a taboa é protagonista de suas histórias.

5. A Casa de Marimondo: Artesanato, matéria prima e bioma

A Casa de Marimondo surgiu como desdobramento da trajetória profissional de Naná Oliveira, que há mais de uma década atua junto a comunidades tradicionais e periféricas em Sergipe, inicialmente por meio da costura e da moda e, em seguida, ao artesanato. Ela se estrutura em torno de um processo produtivo que reconhece o tempo da natureza como elemento fundamental da prática artesanal. Nesse sentido, o projeto assume a manualidade como princípio, articulando materialidade, memória e modos de vida particulares do povoado Tigre, em Pacatuba/SE.

Importa destacar que a descrição aqui presente tem como base o relato pessoal da criadora da Casa de Marimondo, incorporando sua experiência direta como fonte para a compreensão do projeto e de sua inserção no contexto local. A relação de Naná com a comunidade do Tigre é marcada por um convívio cotidiano. As trocas se dão em momentos de trabalho, mas também em vivências compartilhadas, como refeições, celebrações e práticas culturais ligadas ao território, reforçando vínculos de confiança. Esse engajamento direto confere ao projeto uma dimensão familiar e comunitária, em que o aprendizado é construído coletivamente e os limites entre pesquisadora, artesã e designer se tornam fluidos. Em uma declaração à revista Amarello (2024), ela afirma que:

Sem a comunidade e sua bagagem histórica não haveria criação de mobiliário e artefatos. É a partir dos modos de vida e da influência direta do bioma local que a comunidade do povoado Tigre manifesta sua arte. (...) Para toda lida baseada no extrativismo e agricultura familiar, é necessário a criação de artefatos e é nesse



momento que se percebe a sabedoria e criatividade de um povo. Foi a esse cenário que a Casa de Marimbondo trouxe um olhar contemporâneo. (Oliveira apud Amarello, 2024).

As coleções produzidas até o momento evidenciam essa abordagem. A *Poltrona Proteção* é inspirada nas carrancas do Rio São Francisco como símbolo de defesa e preservação territorial; a coleção *Pacatuba* traduz objetos cotidianos da comunidade, como o puçá usado na pesca do marisco e o barco de pesca, em mobiliário; já a coleção *Coivara* se inspira na prática agrícola ancestral para criar peças que combinam madeira e fibras vegetais. Dessa forma, cada artefato se configura como testemunho material da memória coletiva e da relação entre comunidade e ambiente. Em todas as criações, a taboa se mistura outros materiais e técnicas, como o ferro e a madeira, incorporando também o ofício de outros campos profissionais para o processo.

Mais que uma marca de móveis, para Naná a **Casa de Marimbondo é um movimento**. Um espaço de resistência e de afirmação cultural, no qual o design atua como mediador entre tradição e contemporaneidade. A iniciativa contribui para dar visibilidade ao trabalho das artesãs-extrativistas, fortalecendo sua autonomia e criando oportunidades de geração de renda a partir da valorização do ofício. Ao mesmo tempo, projeta-se como um laboratório de experimentação e pesquisa, que busca consolidar-se como lugar de aprendizagem, capaz de formar novas gerações e ampliar o alcance das práticas artesanais do território. Assim, a Casa de Marimbondo reafirma a relevância do artesanato como prática social, política e ambiental, inscrevendo-se no debate sobre o papel do design na preservação de memórias e na construção de futuros sustentáveis.

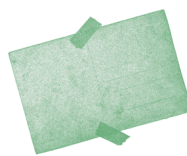
Figura SEQ Figura * ARABIC 3: Processo de confecção.



Fonte: Revista Amarello, 2024.

6. Relações éticas entre design e artesanato a partir da experiência da Casa de Marimbondo

Projetos de valorização do artesanato tradicional têm ganhado muita relevância nas últimas décadas no Brasil, constituindo um importante campo de atuação para o design. No entanto, a aproximação entre o design e o artesanato é marcada por uma problemática sobre a delicadeza destas relações



(Lima, Oliveira, 2016). Para os autores, “o encontro entre os dois campos é recente e é preciso debater sobre como ele vem acontecendo para que ele possa continuar de forma harmoniosa, sem que haja uma imposição de saberes” (Limas, Oliveira, 2016, p. 5174). Para que essa colaboração seja benéfica, é fundamental a construção de uma atuação ética pelo design pautada no diálogo e no respeito mútuo, reconhecendo o papel social, econômico e cultural que o artesanato desempenha nas comunidades.

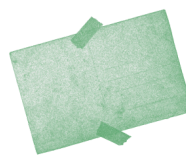
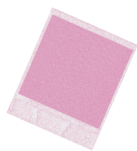
Com objetivo de identificar pontos de conflito e avaliar diretrizes, foi realizada uma revisão da literatura a partir dos textos de Ricaldoni, Silva e Carpinteiro (2018) e Lima e Oliveira (2016), que elaboraram reflexões acerca das relações éticas entre design artesanato, reunindo diversas referências sobre o tema com objetivo de expor questionamentos e elaborar diretrizes de atuação em comunidades artesãs.

As questões sensíveis que permeiam as relações entre design e artesanato residem, principalmente, na assimetria de poder e de visibilidade que historicamente caracteriza essa relação. Segundo Lima e Oliveira (2016), o artesanato é uma prática social que resgata valores culturais e regionais, mas que muitas vezes é reduzida pelo olhar externo a uma mera "alternativa de renda". A problemática central surge quando o designer intervém na comunidade com uma postura de superioridade intelectual, ignorando que o artesão é detentor de um saber técnico e simbólico que o design, por si só, não possui. Essa falta de reconhecimento transforma o que deveria ser um diálogo em uma imposição, onde o designer dita normas estéticas e produtivas que podem ferir a identidade e o ritmo orgânico do grupo, resultando em uma "dominação de saberes" que sufoca a expressão genuína da comunidade.

Além disso, Ricaldoni et al. (2018) alertam para o risco da desterritorialização e da exploração comercial predatória. Uma das grandes dificuldades apontadas é a tendência de projetos transformarem o artesão em um executor passivo de formas estranhas ao seu repertório, visando atender a demandas efêmeras do mercado de luxo ou de exportação. Essa dinâmica não apenas descaracteriza o objeto artesanal, retirando-lhe a alma e a função social original, como também cria uma relação de dependência nociva. Quando o foco reside exclusivamente no produto final e no lucro imediato, negligenciam-se os princípios da "ética do cuidado" e da "ética social", deixando de lado questões fundamentais como a autoria compartilhada, a transparência na remuneração e a sustentabilidade do bioma de onde provém a matéria-prima.

Outro ponto sensível discutido pelos autores é a invisibilidade do artesão no processo de legitimação cultural. Muitas vezes, o capital simbólico gerado pela parceria é acumulado quase inteiramente pelo designer ou pela marca, que figuram como os "autores" da inovação, enquanto os artesãos permanecem no anonimato técnico, como se fossem apenas fornecedores. Essa problemática evidencia a necessidade de diretrizes que garantam que a inovação trazida pelo design atue como uma ferramenta de valorização e não de apagamento. Sem uma cultura ética que proteja o convívio comunitário e a integridade do território, a aproximação entre as disciplinas corre o risco de repetir lógicas coloniais, onde o saber tradicional é extraído como matéria-prima bruta para ser refinado e validado apenas pelo olhar urbano.

Para aprofundar a compreensão sobre como a ética deve guiar essa relação, os artigos de Lima (2016) e Ricaldoni et al. (2018) detalham diretrizes que vão além do comportamento individual, propondo uma mudança estrutural na forma como o design se aproxima do artesanato. Uma das diretrizes centrais é a Participação e Diálogo Horizontal, que exige que o designer não chegue à comunidade com soluções prontas. Em vez disso, deve-se estabelecer uma escuta ativa para entender os anseios e as limitações do grupo, garantindo que o artesão seja um coautor do processo e não um mero executor. Essa horizontalidade é o que evita o "design de intervenção" impositivo,



transformando-o em um "design de colaboração", onde o respeito ao ritmo da comunidade e à sua organização social é prioritário.

Outro pilar fundamental descrito nos textos é a Autonomia e Emancipação, baseada nos princípios da ética social. O objetivo de qualquer projeto ético deve ser a redução da dependência da comunidade em relação a agentes externos (sejam eles designers, ONGs ou governos). Isso significa que o designer deve atuar como um mediador que auxilia na organização produtiva, no acesso ao mercado e na autogestão, permitindo que, após a sua saída, a comunidade tenha ferramentas para continuar o trabalho de forma independente. As diretrizes também enfatizam a Valorização do Capital Territorial, que defende o uso de matérias-primas e técnicas que façam sentido para aquele bioma e cultura, evitando que o artesanato se torne uma produção "desterritorializada" apenas para atender modismos efêmeros de mercado.

Além disso, os autores destacam a Ética do Cuidado aplicada ao convívio comunitário. Essa diretriz aponta que a intervenção do design não pode gerar conflitos internos ou desestruturar as hierarquias e tradições locais. É necessário um cuidado rigoroso com a transparência na divisão de lucros e no reconhecimento da autoria, garantindo que o capital simbólico gerado pela obra retorne como benefício direto para os seus produtores. Ao cumprir essas diretrizes, o designer deixa de ser um "colonizador" de saberes para se tornar um parceiro na salvaguarda da cultura material, garantindo que a inovação proposta pelo design sirva para fortalecer, e não para apagar, a identidade artesanal.

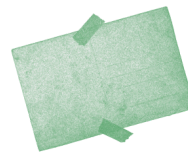
6.1. Questões sensíveis e diretrizes: uma observação sobre a Casa de Marimbondo

O projeto da Casa de Marimbondo tem como idealizadora Narjara Oliveira em parceria com as artesãs-extrativistas Marizete e Josinete. Ainda que a liderança do projeto seja assumida por Naná, percebe-se o reconhecimento das artesãs como especialistas e detentoras de um conhecimento que é a base da criação dos objetos. Este reconhecimento é percebido pela comunicação do projeto, que apresenta suas parceiras como coautoras, mostrando toda a cadeia de produção da taboa, da extração à confecção das peças.

Com relação à atribuição de créditos e ao reconhecimento da autoria, a Casa de Marimbondo estabelece um contraponto ético à lógica de apagamento do artesão, criticada por Lima e Oliveira (2016). O projeto, idealizado pela designer Narjara (Naná) Oliveira, consolida-se por meio de uma parceria com as artesãs-extrativistas, Dona Maizete e Josinete. Embora a liderança estratégica e criativa seja exercida por Naná, a estrutura do projeto salvaguarda o papel das artesãs como especialistas neste ofício e detentoras de um saber técnico e ancestral que constitui a própria essência dos objetos, pois "para uma relação construtiva, os designers precisam reconhecer suas limitações e entender que seu conhecimento não é melhor do que o conhecimento do artesão" (Ricaldoni, Silva e Carpinteiro, 2018, p. 108).

Esse reconhecimento aparece na comunicação institucional do projeto, que apresenta as parceiras como coautoras dos processos. Ao detalhar toda a cadeia produtiva, que começa na extração da taboa em Pacatuba até o manejo da fibra na confecção das peças, a Casa de Marimbondo confere visibilidade ao "capital humano e territorial" envolvido. Essa postura valida o conhecimento tradicional com o mesmo peso do conhecimento projetual do design. Assim, a autoria deixa de ser creditada apenas ao designer para se tornar um registro coletivo, onde o nome da artesã é indissociável da obra, garantindo que o valor simbólico e social do artefato pertença à comunidade de origem.

As diretrizes de Respeito e Horizontalidade estão presentes no projeto. A relação é pautada pelo diálogo, onde o designer e as artesãs-extrativistas desenvolveram uma relação de partilha quase familiar, compartilhando não apenas o trabalho, mas também o cotidiano. Narajara se dedica a conhecer todas as etapas do processo, realizando não só na confecção das peças, mas também



participando no árduo trabalho de extração e beneficiando do processo. A diretriz de Emancipação do Artesão é observada no fortalecimento da autoestima e na salvaguarda do saber-fazer: ao transformar a técnica tradicional em mobiliário autoral, o projeto gera reconhecimento e valoriza o protagonismo das mulheres.

Além disso, a Valorização do Capital Social e Territorial acontece pelo uso da taboa e pelo respeito ao bioma local, promovendo resultados sustentáveis que não agridem o meio ambiente. Narjara afirma que a não é possível escalar a produção demasiado pelo risco de comprometer o bioma. Neste caso o design, que tradicionalmente está habituado à lógica da produção pela indústria, precisa se adequar também às particularidades de tempo e volume da produção do artesanato. Os trabalhos manuais acontecem no tempo do corpo, que é naturalmente diferente. E por atuar com a matéria prima disponível no território e seu bioma, sua produção precisa estar em sintonia com as particularidades seu ciclo de extração e da natureza onde ele acontece.

Por fim, a Ética do Cuidado manifesta-se no convívio comunitário. A Casa de Marimbondo opera sob a premissa de que o tempo do projeto deve respeitar o tempo da vida na comunidade e os ciclos da natureza, garantindo que a inovação trazida pelo design atue como uma ferramenta de proteção da cultura material e imaterial, e não como uma força nociva.

Como a confecção dos produtos geralmente demanda mais de um material e técnica, é preciso trabalhar em parceria com artesãos de outras áreas e regiões, criando com isso uma rede de ofícios e saberes. Serralheria, marcenaria e entalhe surgem em conjunto com a taboa, que é a base sua criação. Essa teia fortalece o artesanato no estado, e o designer atua como catalizador destas relações.

7. Conclusões

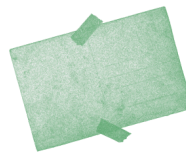
A experiência da Casa de Marimbondo apresenta um caminho positivo para as relações entre o design e as práticas artesanais a partir da interação entre profissionais, comunidade e território na criação coletiva de artefatos. Ao afastar-se das lógicas de intervenção impositiva, a iniciativa demonstra que é possível conciliar a inovação do mobiliário contemporâneo com a salvaguarda de saberes tradicionais, desde que essa relação seja alicerçada em uma relação ética.

Um processo que, antes de se materializar como objeto, inicia no conhecimento da matéria prima e do ofício. Como alternativa sustentável, o fazer artesanal demanda que a produção aconteça respeitando o ritmo da natureza e do corpo da artesã, propondo outra forma de consumir e se relacionar com os objetos. Além disso, incorporar os saberes tradicionais às necessidades contemporâneas é uma forma de preservar suas técnicas, criando artefatos que carregam memórias ao mesmo tempo em que dialogam com um contexto mais amplo.

A experiência no povoado Tigre revela que o sucesso dessa integração pode se beneficiar da aplicação de diretrizes como a horizontalidade, a autonomia e a ética do cuidado. O reconhecimento das artesãs Dona Maizete e Josinete como coautoras e especialistas, e não apenas executoras, procura romper com a invisibilidade histórica do artesão.

Além disso, a Casa de Marimbondo evidencia o potencial do design como um agente de mediação e pedagógico. O projeto não apenas gera artefatos de alto valor simbólico, mas atua na preservação do bioma através do manejo sustentável da taboa e na educação da comunidade para valorização e preservação do ofício.

Por fim, este estudo de caso reforça que o artesanato deve ser compreendido como um campo de conhecimento dinâmico e ativo. A Casa de Marimbondo pretende se tornar um projeto educativo, capaz de formar novas gerações de artesãos. O mobiliário resultante dessa teia torna-se não apenas um objeto de consumo, mas também um registro de como o design pode atuar de maneira positiva em relação ao artesanato.



Design, craftsmanship, material and territory: the Casa de Marimbondo experience.

Abstract: This investigation analyzes Casa de Marimbondo as a relevant case regarding the integration of design, craftsmanship, and territory. Based on work with taboa fiber, the project led by Naná Oliveira in collaboration with artisans from the Tigre village, in Pacatuba-SE, demonstrates how furniture can strengthen the relationships between collective memory, traditional artisanal practices, and socioenvironmental sustainability. The approach, qualitative and phenomenological in nature, combines bibliographic review, analysis of institutional materials, and the personal account of the brand's founder, offering an understanding of the creative process, community life, and the relationship with the local bioma. The study reinforces the importance of considering craftsmanship as a dynamic field of knowledge, and that Casa de Marimbondo is a reference project in promoting sustainable and culturally sensitive practices in contemporary Brazilian design.

Keywords: Casa de Marimbondo; Design; craftsmanship; taboa.

Referências

- AMARELLO. CASA de Marimbondo: tradição e design entrelaçados. Revista Amarelo. 2024. Disponível em: <https://amarelo.com.br/2024/04/design/casa-de-marimbondo-tradicao-e-design-entrelacados/>. Acesso em: 07 Set. 2025.
- BARRETO, Carlos Eduardo Santos. **Turismo de Base Comunitária**: uma alternativa de desenvolvimento socioeconômico nas comunidades Junça, Tigre e Ponta dos Mangues, Pacatuba, Sergipe. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) – Instituto Federal de Sergipe, Aracaju, 2018.
- CARVALHO, Andrea Freire de. **Mulheres artesãs**: extrativismo da taboa (*Typha spp.*) em Pacatuba/SE. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- CASA DE MARIMBONDO. **CASA DE MARIMBONDO + MADE 2024**. São Paulo: Casa de Marimbondo, 2024.
- CASA DE MARIMBONDO. **Catálogo de produtos**: coleção Coivara. Aracaju: Casa de Marimbondo, 2025.
- LIMA, Marcela Fonseca; OLIVEIRA, Alfredo Jefferson de. Artesanato e design: relações delicadas. **Congresso Brasileiro de Pesquisa e desenvolvimento em Design**, 12., 2016, Belo Horizonte. Anais. São Paulo: Blucher, 2016. p. 5165-5174.
- RICALDONI, Thaís Falabella; SILVA, Luciana Machado Coelho; REZENDE, Edson José Carpintero. Reflexões sobre ética na relação design-artesanato. **Revista de Design, Tecnologia e Sociedade**, Brasília, v. 5, n. 2, p. 99-113, 2018